

GIL VICENTE, LEITOR DE AFONSO X

Sobre o *Auto da Sibila Cassandra* e a *General Estória*

Mariana Soares da Cunha Leite*

Muito se discorreu já sobre a génese do *Auto da Sibila Cassandra* de Gil Vicente¹. Ainda que assumindo a tradição medieval no que diz respeito à herança greco-latina, a composição deste auto apresenta-se sempre como um trabalho muito peculiar, aquele onde o dramaturgo português vai mais longe na fusão das culturas clássica, judaica e cristã, não se limitando a colocar na boca de uma mulher pagã a profecia do nascimento de Cristo, mas levando-a mesmo a desejar ser ela a mãe de Jesus².

O *Auto da Sibila Cassandra* foi pela primeira vez apresentado em Xabregas no dia de Natal, provavelmente do ano de 1513³. Composto em Castelhana, à imagem de muitos outros textos de Gil Vicente, este auto de carácter pastoril apresenta-nos uma trama em que participam Cassandra, a jovem que recusa o casamento, e Salomão, seu noivo. A este propósito, Thomas Hart elabora uma análise alegórica do auto: Cassandra, recusando tanto o casamento com Salomão, figura crística para a Idade Média, como o ingresso na vida religiosa, casamento com Cristo, revela-a como uma

* Estudante de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Poucos dados existem sobre quem foi Gil Vicente, pelo que os estudos elaborados no início do século XX continuam a ser a referência. Terá nascido por volta de 1465 e faleceu na década de 1530, sendo a sua última peça datada de 1536. Algumas fontes apontam-no como ourives de D. Leonor. Os seus trabalhos chegam-nos através de uma compilação muito posterior à sua morte, realizada pelos seus filhos, Luís e Paula Vicente. Veja-se BERNARDES (2001), e também Aubrey BELL (1940); Anselmo Braamcamp FREIRE (1944), 2ª ed.; Paul TEYSSIER (1982); Carolina Michaëlis VASCONCELOS (1949).

² Para MILLER (1970), p. 85, "(...)Gil Vicente tentou criar uma síntese artística de fusão das três tradições, pagã, judaica e cristã, dentro do marco católico."

³ Os investigadores tendem a situar o auto em 1513, um ano depois da tradução da fonte mais evidente, o romance *Guarino il Meschino* de Andrea da Barberino. Veja-se Idalina RODRIGUES (1999) e Paul TEYSSIER (1982), p. 38.

representação do mundo antigo, desconhecedor da Nova Ordem⁴. Defendendo as virtudes do matrimónio, surgem as tias de Cassandra – Eruteia, Peresica e Ciméria – e os tios de Salomão – Abraão, Moisés e Isaías. Após uma longa discussão com Salomão e todas as outras personagens em cena, a sibila, aqui “em figura de Pastora”, prepara-se para revelar o verdadeiro motivo pelo qual tão veementemente recusa casar, anunciando ao mesmo tempo o nascimento de Cristo:

*Pero yo quiero dezir
y descubrir
por qué virgen quiero estar:
sé que Dios ha de encarnar,
sin dudar:
y una virgen ha de parir⁵*

A profecia de Cassandra é confirmada pelas suas tias, que replicam recordando as qualidades que apenas a mãe do Filho de Deus poderia ter. É então que a jovem sibila, iludida, afirma:

*Yo tengo en mi fantasía
y juraría
que de mí ha de nacer;
que otra de mi merecer
no puede haver,
en bondad ni hidalguía.⁶*

A partir deste momento, todas as personagens criticam o sonho desvairado de Cassandra, mostrando-lhe como as suas virtudes são, na

⁴ HART (1958), pp. 35-51

⁵ GIL VICENTE (IMP. 1984), p. 60

⁶ IDEM, p. 62

verdade, defeitos; é o profeta Isaías que lhe revela quão longe da virtuosa virgem ela está:

*Tú eres de ella al revés,
si bien ves:
porque tú eres humosa,
sobervia y presumptuosa,
que es la cosa
que más desviada es.
La madre de Dios sin par,
es de notar,
que humildosa ha de nascer,
y humildosa conceber,
y humildosa ha de criar.⁷*

Continuando a descrever a virgem, Isaías revela o nome da mulher eleita, desfazendo assim a ilusão de Cassandra:

*El su nombre es Maria,
que desvía
de ser tú madre de él⁸*

Novamente as personagens recordam o valor de Maria, até que surge a cena da natividade. Cassandra, perante a revelação, assume o seu erro:

*Señor, yo, de ya perdida
n'esta vida,
no te oso pedir nada,
porque nunca dí pasada
concertada;
ni deviera ser nacida.*

⁷ Idem, p. 63

⁸ Idem, p. 64

*Virgen y madre de Dios,
a vos, a vos,
corona de las mugeres,
por vuestros siete placeres,
que quieras rogar por nos.*⁹

Todos exaltam Maria, culminando o auto num canto de louvor às armas.

Nesta peça, parece-nos evidente que dois aspectos são alvo de censura: por um lado, o casamento; por outro, a blasfémia de Cassandra, que se considera hipotética mãe de Jesus. Quanto ao tema do casamento, não deixa de ser interessante verificar, como já o faz Idalina Rodrigues¹⁰, que os defeitos são apontados não às mulheres, comumente vistas como origem dos males do casamento, mas sim aos maus maridos. É contudo importante frisar que ao casamento não é, por Cassandra, apresentada nenhuma alternativa válida:

*No quiero ser desposada
ni casada
ni monja ni ermitaña.*¹¹

Esta recusa em enveredar por qualquer tipo de compromisso, anunciando-se assim uma mulher que se deseja ver emancipada, acaba por se tornar um elemento para construir uma visão reprovadora da personagem. Ainda que mais adiante recorde que “*solo Diós es perfección*”, a verdade é que Cassandra já se tornou, para o público, numa personagem feminina arrogante que quer passar por cima do casamento, recusando assim a maternidade – função primordial das mulheres – e mesmo o ingresso na vida eclesiástica. A

⁹ Idem, p. 69.

¹⁰ Muitos estudos versam sobre o *Auto da Sibila Cassandra*, abordem eles fontes ou interpretações, temáticas e filológicas, desta peça. Além dos textos citados, veja-se ainda Thomas R. HART (1981); Georgiana Goddard KING (1921); Cheryl Folkins MCGINNISS (1984); I.S. RÉVAH (1959); J. B. TREND (1929) – sobre as composições musicais do auto.

¹¹ GIL VICENTE, p. 50.

liberdade de Cassandra seria muito provavelmente vista como uma excentricidade na época¹².

A esta atitude subversiva vem juntar-se a presunção de que Deus a elegeria como mãe de Jesus. Muito ajudado pela forma como a personagem foi construída até ao momento dessa revelação – uma mulher frívola e pretensiosa, que se coloca à margem da sociedade – o público verá na revelação da crença na profecia sobretudo a ironia: o orgulho da jovem leva-a a equiparar-se a Maria. Todavia, o seu destino acaba por ser redimido, visto que Cassandra, perante a cena da natividade que encerra o auto, se apercebe do seu erro e pede perdão a Deus pela blasfémia. Adivinha-se a reintegração de Cassandra na sociedade.

A fortuna deste auto¹³ passa sobretudo por esta singularidade, a de levar uma personagem troiana a pensar na possibilidade de ser ela a mãe do messias de uma cultura distinta. As relações entre ambos os universos são finamente urdidas por Gil Vicente. Primeiramente, por estratégia de encenação – evitando prolongar demasiado o auto – coloca personagens de séculos e espaços geográficos diferentes a conviver num mesmo momento e com perspectivas semelhantes. Se no início do auto a partilha do cenário entre Moisés e Abraão, por exemplo, pode parecer estranha, rapidamente os anacronismos se dissolvem na acção, sendo os seus nomes símbolos da cultura hebraica posta em confronto com a clássica, e não representações das personagens históricas em si. Por outro lado, as três sibilas, símbolo de uma cultura pagã de outrora, pretendem estabelecer uma relação familiar com os três profetas, homens da lei antiga que anunciam o tempo novo: se umas são

¹² Afastamo-nos aqui da perspectiva apontada por POTTER (2004), que sintetiza uma abordagem do texto de Gil Vicente sob o ponto de vista feminista, apresentado sobretudo por alguns estudos de Melveena MCKENDRICK. No entanto, o artigo indicado permanece uma referência importante na abordagem do *Auto* – tanto pelas indicações sócio-históricas como pela análise minuciosa dos motivos que o atravessam.

¹³ Repare-se que mesmo na actualidade o *Auto da Sibila Cassandra* é acolhido em meios internacionais, como se verifica pelas traduções e frequentes representações da peça em territórios anglo-saxónicos. Como exemplo, veja-se a tradução de Cheryl Folkins MCGINNISS (*The Sibyl Cassandra. A Christmas Play With the Insanity and Sanctity of Five Centuries Past*. By Gil Vicente. Lanham, Maryland, University Press of America, 2000).

as leitoras dos oráculos, sacerdotisas dos templos de deuses esquecidos, os segundos são receptores da mensagem de Deus, anunciadores de Cristo. Promovendo o casamento de uma princesa troiana, também ela vidente, com um rei judeu, Salomão, as sibilas aceitam e desejam submeter o seu mundo à cultura judaica, berço do cristianismo que se imporá. A revelação final do nascimento de Jesus confirma a impossibilidade de retorno de uma cultura do passado. Gil Vicente mostra-se assim consciente de que a herança greco-latina é indissociável do cristianismo que a contaminou: o classicismo que herda no século XVI é o que foi transmitido pela Idade Média, com os seus filtros e mundividências.

Ainda assim, a interrogação mantém-se: quais as fontes de Gil Vicente para que Cassandra diga que deseja ser virgem para poder tornar-se a mãe de Cristo? As fontes mais evidentes, como a *Crónica Troiana*¹⁴ ou a historiografia medieval que incide sobre a antiguidade greco-latina, em nada se aproximam desta temática. Por outro lado, há textos latinos com os quais Gil Vicente poderá ter contactado para construir as personagens em questão; mesmo assim, nenhum parece relacionar explicitamente a fecundação divina, que é o dom da profecia, e a sua confusão com a gravidez que originará o filho de Deus¹⁵.

Por outro lado, que motivações poderiam levar a esta formulação? Que se achava que as sibilas haviam previsto o nascimento de Cristo, era comumente aceite¹⁶; que uma delas chamasse a si o privilégio da

¹⁴ De facto, Idalina RODRIGUES (1999) aponta a *Crónica Troiana* como fonte para o auto vicentino. No entanto, perante o confronto do auto com a versão Galego-Portuguesa do *Roman de Troie*, em nenhum momento surge sequer uma profecia crística de Cassandra; aliás, a sibila troiana é mesmo uma personagem relativamente apagada e pouco influente no desenvolvimento do romance, excepto quando revela a destruição de Tróia.

¹⁵ SPITZER (1959) apresenta excelentes indicações neste sentido, explicitando a relação entre pureza e fecundação divina já presentes em Ovídio, Orígenes e Higino (pp.59-60); no entanto, conforme adiante argumentaremos, parece-nos improvável que estes autores tenham sido fontes directas para a construção desta Cassandra vicentina.

¹⁶ O cristianismo adoptou rapidamente autores e conceitos gregos e latinos, convertendo muitos motivos pagãos à nova religião, tal como fizera com as profecias vetero-testamentárias. Assim, durante a Idade Média as sibilas são reconvertidas em profetizas universais que anunciam a vinda de Jesus; para tal, um papel importante têm os oráculos sibilinos – ver

maternidade divina, não parece tão vulgar. Falta, por isso, definir se efectivamente a presente Sibila Cassandra é uma criação de Gil Vicente, que se fundamentou na difusão do universo troiano para levar à cena esta singular personagem ou se, pelo contrário, esta sibila já existia, sendo reconhecida como tal pelo público que a acolheu neste auto da natividade.

Apona-se normalmente o romance de Andrea da Barberino, *Guerino il Meschino*, como fonte para o auto de Gil Vicente. Redigido ainda no século XV, foi traduzido para Castelhana no ano anterior à presumível data de apresentação do *Auto*: 1512. Durante as suas aventuras, Meschino chega a Norcia, Itália, onde trava contacto com a Sibila Cumana, punida por achar, ela também, que poderia ser a mãe de Cristo. Estes pressupostos poderiam fazer-nos crer que seria Barberino a fonte de Gil Vicente.

No entanto, algumas interrogações se levantam perante esta hipótese. Primeiramente, e não obstante a possibilidade de Gil Vicente ter contactado com a tradução de 1512¹⁷, não compreendemos a alteração do nome da personagem principal. Se as tias de Cassandra conservam a designação da sua origem – Eritreia, Pérsica e Ciméria – porque não poderia ser a Sibila de Cumes designada literalmente como no romance de Barberino? Ainda que aponte para o sentido em que nos encaminhamos, a indicação de Lida de Malkiel parece-nos insuficiente:

“Es verosímil que alguna noticia de la historia virgiliana y ovidiana (...) hubiese llegado a conocimiento de Gil Vicente, y que su paralelismo le sugiriese el nombre prestigiado por la leyenda de Troya y ya asociado con la Sibila, para designar la innominada del *Guerino*”.¹⁸

SUÁREZ DE LA TORRE (2002) – e a interpretação cristianizante da IV Écloga de Virgílio. Esta nova função das sibilas foi de tal modo aceite que se tornou comum a presença destas personagens em festejos da natividade, onde normalmente a sibila Eritreia entoava a profecia da vinda do Messias, tradição que se mantém até à actualidade em algumas regiões de Espanha e Sul de França – ver Potter (1992).

¹⁷ Desta edição apenas existe a descrição. Recorremos à edição crítica de BARANDA LETURIO, que se baseia no testemunho L (1527), considerado o texto mais credível.

¹⁸ LIDA DE MALKIEL (1959), p. 62.

No entanto, a ser Andrea da Barberino a fonte, não parece haver particular interesse em baptizar a profetisa cumana com o nome de Cassandra, uma vez que ela é notoriamente mal vista pelo narrador de *Guerino il Meschino* porque foi engendrada em pecado:

[A sibila Cumana enuncia quais as dez sibilas conhecidas] “la tercera fue llamada Astrie o Afrecia, porque fue engendrada en pecado en el tiempo de Apolo en la ysla de Delfo (algunos quieren dezir que aquesta fue Casandra, hija del rey Príamo de Troya, como quier que la Sibila no lo declaró a *Guarino*, mas dicen que ella profetizó de la destruyción de Troya”¹⁹

Mesmo que Gil Vicente mostre uma Cassandra reprovável, não encontramos uma justificação para que a sibila que pretende ser a mãe de Cristo deixe de ser designada por “Cumana” e passe a identificar-se com a princesa troiana.

Além desta conotação negativa, um outro elemento introduziria algum paradoxo na perspectiva do dramaturgo português: “E despues *que* Troya fue destruyda, hizo su habitación en Grecia, en la ysla de Creta *con* un adevino *gran tiempo*”. Se Cassandra não queria contacto nenhum com homem, porquê passar “gran tiempo” convivendo com um?

Por outro lado, mesmo a própria sibila de Cumes procura renegar a ideia de que é acusada: perante a interrogação de Guerino, que quer saber porque quis ela ser a mãe de Cristo, ela responde:

“E la sibila *que* tú quieres dezir llamavan Albunea y fue la postrera, la qual nació en una cibdad de Suria *que* llaman Albaturia. (...) la décima y postrera fue aquella de Suria como ya te dixé primero. E muchos creen

¹⁹ ANDREA DA BARBERINO p. 749.

que es muerta, porque yo fize hacer en Cecilia una sepultura a mi nombre e por esto no creas que yo soy aquella que tu dexiste.”²⁰

Atitude bem diferente da de Cassandra, que afirma a sua ideia com um orgulho criticado pelas outras personagens. Se Gil Vicente tiver encontrado aqui a ideia para a sua Cassandra, pretendente a mãe de Cristo, sem dúvida que terá levado a cabo uma reformulação profunda de tudo o que era transmitido pela sua alegada fonte. Poderá haver, então, uma fonte alternativa para o Auto da Sibila Cassandra?

O manuscrito CXXV da Biblioteca Pública de Évora é reportado normalmente como um recorte das partes bíblicas da *General Estória*²¹ de Afonso X:

“Códice del siglo XIII o comienzos del XIV. Se caracteriza por haber copiado exclusivamente los pasajes de procedencia bíblica de GE2 y GE3 (y parcialmente de GE4). Consta de 261 folios (457 x 332 mm), en pergamino, (fols. 1-84, GE2 y fols. 85-261, GE3 y GE4), habiéndose perdido presumiblemente varios por el final. Escrito a dos columnas. Títulos, cabeceras, calderones e iniciales adornadas, semejantes a los del ms. A, pero, a diferencia de éste, incluye miniaturas, aunque muchas solo esbozadas, y varias iniciales doradas y orladas. Abundantes notas marginales²² que procuran corregir el texto consultando la Biblia.”²³

ideia também subscrita por Prieto-Borja²⁴:

²⁰ IDEM, pp. 748-750.

²¹ A *General Estória* (GE) é um dos dois projectos historiográficos que Afonso X (1221-1284) leva a cabo no extremo final da sua vida. Da extensa obra, repartida em seis partes, existem apenas edições das duas primeiras partes (SOLALINDE e SÁNCHEZ PRIETO-BORJA) e de excertos da terceira (SÁNCHEZ PRIETO-BORJA). Sobre o texto e sua história, veja-se Francisco RICO (1984) e Iñez FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ (1992).

²² As notas que corrigem o texto registam-se sobretudo no Saltério.

²³ FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, “Alfonso X” IN ALVAR e LUCÍA MEGÍAS (2002), p. 48. Ver Idem, p. 53.

²⁴ AFONSO X, ed. PRIETO-BORJA (1994), p. L

“Parcialmente, pues, la *General Estória* es una Bíblia romance, y así lo entendieron quienes poco después de la muerte del rey copiaron exclusivamente los libros bíblicos de la Segunda y Tercera Parte (y de un fragmento de la Cuarta) en el códice CXXV/ 2-3 de la Biblioteca Pública de Évora”.

No entanto, encontramos neste códice, inserida na história do rei Joaquim, episódio do quarto livro bíblico dos Reis, uma pequena narrativa que nos confronta com a hipótese de estarmos efectivamente perante um fragmento da história universal que o rei castelhano concebeu e não apenas frente a uma recompilação de narrativas bíblicas provenientes desse texto, depuradas dos episódios de pendor greco-latino que a povoam.

Entre a segunda coluna do fólho 201r e a primeira coluna da página seguinte, surge-nos, quase como uma pequena referência para contextualizar historicamente a narrativa principal – a história de Joaquim –, um pequeno conto de Cassandra, cuja transcrição é apresentada em anexo.²⁵

São surpreendentes as propostas que este pequeno texto coloca. É extremamente interessante o desenvolvimento dado às eventuais profecias de Cassandra: a sibila, além de conhecedora do nascimento de Cristo, cria em si o desejo de ser ela a mãe do filho de Deus²⁶.

Analisando mais detalhadamente a narrativa, não podíamos deixar de salientar o cunho historiográfico do seu início, onde é posta em causa a

²⁵ Ainda que tenhamos em conta o intenso labor de comparação de manuscritos realizado por SÁNCHEZ-PRIETO e HORCAJADA (1994), o trabalho destes investigadores não pôde servir de base para este excerto, posto que apenas incide sobre os livros salomónicos da terceira parte da *General Estória*.

²⁶ A fonte indicada por AFONSO X para esta passagem da *GE* é o *Pantheon* de GODOFREDO DE VITERBO (c. 1120-1196). Redigido na década de 1190, foi uma obra dedicada ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico Henrique IV. Procura cotejar a história bíblica e o material greco-latino, desde a criação do mundo até à vida do imperador alemão. No momento dedicado à história de Alexandre, o Grande, Godofredo expõe uma história das sibilas, apresentando os seus nomes e referindo que todas elas profetizaram a vinda de Cristo; porém, não é dito em parte alguma que Cassandra pensou ser a mãe de Jesus. Utilizámos a edição de 1726 (ver bibliografia), cujo acesso devemos à gentil solicitude de Inés Fernández-Ordóñez e de Irene Salvo Garcia.

longevidade de Cassandra: perante o cotejamento da história troiana com a história bíblica, conclui-se que é excessivo dizer que a Cassandra que viveu no tempo de Aquiles é a mesma que viu governar Alexandre. Vinda de uma cronologia muito anterior à da narrativa onde se insere – a vida de Joaquim, nas vésperas da queda de Israel sob domínio babilónio – a sibila em causa apenas poderá ser a troiana, que já aparecera anteriormente, e não a que acompanhou a vida de Alexandre, cuja história surgirá depois. Ainda que refutando os mestres antigos, o redactor menciona a teoria da longevidade de oito séculos da célebre profetisa. Esta pequena introdução permite-nos ainda considerar que era comum a ideia de que Cassandra de Tróia se identificava com a profetisa que vive no tempo de Alexandre, podendo ser também ela a profetisa do nascimento de Cristo. A Cassandra serão então conferidos os atributos de outras profetisas, sendo ela representação sincrética das dez sibilas da Antiguidade.

Após retomar um episódio já presente na Segunda Parte da *General Estória* – o lamento de Oenone perante o abandono por Páris, o subsequente diálogo com Cassandra e a revelação da queda de Tróia²⁷ – é relatada a antevisão da vinda de Cristo por Cassandra e, ainda mais, a pretensão da profetisa a mãe do filho de Deus: “*De como asmo sibilla Cassandra que vernie el fijo de Dios en ella*”.

Tal como é referido na introdução ao pequeno conto de Cassandra, em que se introduz o tema das sibilas, a credibilidade da sua mensagem é caucionada pela vontade divina: “*todas prophetaron por la uoluntad de Dios*” / “*Et pues que ella esto entendio, por el spiritu de nuestro sennor Dios*”. Numa clara recuperação da imagem das sibilas – que nunca deixam de ser apresentadas como pagãs – a capacidade de adivinhar é-lhes directamente transmitida por Deus, procurando-se assim contornar a ideia de haver mulheres pagãs que, pelo seu próprio dom, conseguiriam prever o futuro. Por outro lado, só a caução divina, que no fundo assinala a onnipresença de Deus, poderia

²⁷ Veja-se BRANCAFORTE (1990), pp. 319-323

permitir que uma mulher pagã, figura central de cultos distintos do judaísmo e do cristianismo, previsse o nascimento da figura central da religião cristã, ou seja, o próprio filho de Deus encarnado.

Além da valorização das sibilas, que acedem a um poder que apenas Deus pode conferir, também é construída aqui uma ideia de divindade que ultrapassa a fronteira do povo eleito, receptor ideal das profecias, e se estende a todos os que têm disponibilidade para honrar o dom da clarividência. Deus não é um feudo dos que pertencem ao seu povo, mas é antes aquele que presenteia de igual modo todos os que, segundo a fé judaica ou não, recebem a sua dádiva.

Há no entanto que considerar a incapacidade de compreensão da visão por parte de Cassandra. Com efeito, a princesa revela-se incapaz de compreender que o nascimento de Cristo não depende apenas das características físicas e sociais da mãe – apesar de Maria também ser descendente de grandes linhagens – mas antes da sua disponibilidade para receber – tal como a profetisa recebera o dom da clarividência... – o filho de Deus de forma inesperada mas totalmente voluntária. Cassandra, ao decidir fazer-se mãe do filho de Deus, recuperando para si as capacidades que estariam reservadas para a Virgem, não cumpre com o requisito essencial da disponibilidade espontânea de Maria.

Assim, a situação torna-se irónica: por um lado, ela sabe que os epítetos de Maria poderiam ser-lhe atribuídos; por outro, falha no fundamental, que seria desconhecer que Cristo nasceria de *“mugier de linage de Reyes et virgen et fermosa et de buenas costumbres”*. É de certo modo patética a situação em que Cassandra se encontra: abençoada por Deus com o dom da clarividência, e conhecedora da vinda do Messias em corpo de mulher sua semelhante, é sobretudo a sua capacidade divinatória que a impede de ser a mãe de Jesus. A sua ilusão, proveniente tanto da incompreensão do verdadeiro sacrifício de Maria como do próprio facto de não pertencer sequer ao universo judaico – sendo assim excluída à partida da possibilidade de gerar o messias dos judeus

– sublinha o trágico a que Cassandra é votada. Se na *Ilíada* ela é a profetisa ignorada, aqui é a profetisa iludida com a sua própria visão.

Cassandra, excluída do mundo onde Cristo poderia ser gerado por pertencer a outra tradição, excluída pelos seus próprios poderes de ser a mãe de Cristo, está por isso votada à sua ilusão, à sua “esperança”: e por ter nascido antes de Maria, nem à virgem pode rogar por um filho²⁸.

Ainda que o narrador da *General Estória* pudesse aqui assumir um tom jocoso, coadunado com a ironia de que Cassandra é vítima, é salvaguardada a força moral da profetisa, com a sua recusa de, mesmo pertencendo ao mundo, quebrar os seus votos de castidade. Objecto de terna ironia, uma vez que, ao dizer na primeira pessoa o que pensa de si e da sua capacidade de ser mãe de Jesus, Cassandra é ainda assim exemplo de mulher virtuosa, não pelo orgulho, de certo modo inocente – afinal, Cassandra está, inicialmente, inconsciente de não pertencer ao mesmo mundo onde o filho de Deus nascerá – mas pela preservação da castidade e pureza.

É considerável a diferença entre esta Cassandra e aquela que é encenada por Gil Vicente. Fundamentalmente, o ênfase que é dado pelo dramaturgo à recusa de casar, com um homem ou com Deus – o que, para o século XVI, talvez fosse a maior falha da sibila – desloca em grande medida o impacto que tem a revelação da crença de Cassandra na sua eventual maternidade de Cristo, levando a que a ideia da jovem pareça apenas mais uma fantasia do que uma convicção tão forte como a que aparece na narrativa da *General Estória*. Assim, o Auto culmina em apoteose, com a redenção de Cassandra e a exaltação de Maria e do Seu Filho: o ambiente trágico que encerra a narrativa alfonsina não se verifica aqui. De facto, na *General Estória*, já só quando Cassandra é tida como louca e deambula “*cabellos en tierra*” pelas ruas de Tróia, é que toma conhecimento de quem seria Cristo e a sua

²⁸ Parece-nos fundamental recordar o papel central de Maria no universo literário de Afonso X, nomeadamente nos cantares de Santa Maria, onde o rei castelhano exprime uma devoção especial pela Virgem. Veja-se a edição de Walter METTMANN (1959-1972); ver também Francisco MÁRQUEZ VILLANUEVA (1995) e artigos publicados em Jesús MONTOYA MARTÍNEZ (1999).

mãe: demasiado tarde, talvez, para não ser abandonada pelos seus. O orgulho, ou talvez apenas a capacidade de ver um futuro que desejaria para si, condenam definitivamente esta sibila. Por outro lado, não devemos considerar apenas aquilo que divide as narrativas, mas sobretudo aquilo que nos faz pensar que a narrativa da Sibila Cassandra de Afonso X está na génese do auto vicentino com o mesmo nome.

São por demais evidentes os paralelismos entre o discurso de Cassandra em Afonso X e as intervenções da personagem no auto de Gil Vicente: os elementos que contribuem para a descrição da sua beleza e origem social constróem, em ambos os casos, uma Cassandra pelo menos confusa em relação à verdadeira caracterização da mãe de Cristo. Consideremos ainda a insistência na recusa do casamento ou dos votos por parte da sibila: também Afonso X recorda que Cassandra “biujendo en esta esperança nunca *quiso* casar, njn consintio nunca que uaron aella llegasse por tal parte. Et sobresto fue siempre delas mejores costumbres que duenna del mūdo lo podria seer.”²⁹: já no texto do Rei Sábio se encontra assinalada a salvaguarda da independência da sibila, que ainda que solteira não deixou de ser “duenna del mūdo”, isto é, não religiosa.

Além destas marcas da eventual influência do texto de Afonso X sobre Gil Vicente, cremos que não seria de subestimar a selecção de personagens que figuram no auto. A fusão de histórias bíblicas com narrativas greco-latinas é um dos elementos mais constantes na *General Estória* alfonsina; neste sentido, a presença de Salomão e Isaías em Gil Vicente parece recordar-nos que a narrativa de Cassandra surge a meio da narrativa bíblica, no quarto *Livro dos Reis*, mais precisamente no momento da queda de Israel sob domínio babilónio. Se este texto de Afonso X fosse do conhecimento de Gil Vicente e do público para o qual ele compôs o auto, não seria nada estranho ver confluír todas estas personagens no mesmo palco. Pelo contrário, a história da Sibila

²⁹ Cf. transcrição do ms. publicada em anexo.

Cassandra fundida com a história de Salomão e dos outros profetas remeteria facilmente para o texto de origem³⁰.

A adaptação do conto de Cassandra de Afonso X realizada por Gil Vicente revela-se assim mais minuciosa do que uma simples retoma temática. A confluência de universos diferentes e paralelos (as histórias grega e latina são narradas a par da história judaica), tão marcante no audacioso projecto alfonsino de redigir a história do Mundo, plasma-se na presença de personagens tão díspares em palco. Da mesma forma, a loucura de que os troianos acusam a sibila está presente no discurso das personagens que com ela contracenam. Finalmente, Gil Vicente aproveita as funcionalidades do palco para demonstrar fisicamente a visão final que, no excerto que apresentamos, se passaria numa revelação exclusivamente vista pela sibila, uma dos eleitos: recordemos que com ela contracenam outras sibilas, profetas e um rei muito especial para a cultura medieval.

O mesmo se aplicaria à longa réplica de Moisés, em que o profeta hebraico conta as origens do mundo para explicar fenómenos actuais – no caso, o casamento – é a mesma filosofia que assiste à *General Estória*, que começa no início do mundo e acaba na história de Cristo. Por prolepses e analepses, teremos a história do mundo contada por Moisés, com a presença de importantes figuras distantes no tempo mas fazendo parte da mesma história – Abraão, Moisés, Salomão, Isaías, sibilas, figuras mitológicas pelo meio – e terminando em apogeu com o louvor à Virgem que acabara de parir Jesus. Seria este auto um reflexo do projecto de Afonso X? Ou estaremos a ler mais no auto do que o que ele nos quer contar?

Parece, assim, ser evidente que a fonte principal de Gil Vicente foi Afonso X. A existência, desde muito cedo, de uma tradução da *General Estória* para Português, a par da relativa divulgação que o texto terá tido na Península, justifica o conhecimento do texto historiográfico alfonsino por parte de Gil

³⁰ Não podemos deixar de referir que o códice CXXV 2/3 BPE, onde encontramos a narrativa de Cassandra, inclui também um *Saltério* e um *Cântico dos Cânticos*, textos associados a Salomão.

Vicente e, certamente, pelo círculo de D. Leonor³¹, para quem o auto de insólito tema foi apresentado. Efectivamente, Maria Rosa Lida de Malkiel inclinou-se precisamente para este caminho, ao referir a *General Estória* pelo menos como fonte para a escolha do nome “Cassandra”³²: mas a falta de uma edição de toda a magna obra historiográfica de Afonso X, situação que se mantém, impediu a detecção desta importante passagem.

³¹ Recordamos a presença de um exemplar das *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, texto inspirado na última parte da *General Estória*, na biblioteca pessoal da esposa de D. Manuel. Ver Isabel CEPEDA (1983).

³² “Cuando Alfonso el Sábio verte el pasaje de las *Antigüedades Judaicas*, I, 118, en que Josefo introduce unas líneas de los oráculos sibilinos con las palabras “también menciona la Sibila”, dice (*General Estoria*, ed. A. G. Solalinde, Madrid, 1930 I, p. 43^a): “Seuilla Cassandra, segund retraye Della Iosepho”. A la inversa, “Leomarte”, tan adeudado con la compilación alfonsina, da como las “tres hijas” (*sic*) del Rey Príamo a “*Sebilda*, Cassandra, Policena” (*Sumas de historia troyana*, ed. A. Rey, Madrid, 1932, p. 129)” LIDA DE MALKIEL (1959), p. 61.

BIBLIOGRAFIA

ANDREA DA BARBERINO

- [1512] 1527 *La Corónica del noble cavallero Guarino Mezquino: estudio y edición.* Edição de María Nieves BARANDA LETÚRIO – tese de Doutoramento. Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Servicio de Investigación. (microfilme), 1992

AFONSO X

- [Séc. XIII-XIV] Manuscrito CXXV 2/3 da Biblioteca Pública de Évora.
Cantigas de Santa Maria. Edição de Walter METTMANN. Coimbra, Universidade de Coimbra, Ed. 1959-1972.
- [1275-1284] *General Estória – Tercera Parte.* Edição de Pedro SÁNCHEZ-PRIETO BORJA y Bautista HORCAJADA DIEZMA. Madrid, Gredos. Ed. 1994
- [1275-1284] *General Estória.* Edição de Pedro SÁNCHEZ-PRIETO BORJA. Madrid, Fundación José Antonio de Castro.

ALVAR, Carlos e LUCÍA MEGÍAS, José Manuel

- 2002 *Diccionario Filológico de Literatura Medieval Española – Textos y transmisión.* Madrid, Editorial Castalia.

BELL, Aubrey

- 1940 *Estudos vicentinos.* Lisboa, s/n.

BRANCAFORTE, Benito

- 1990 *Las Metamorfosis y las Heroidas de Ovídeo en la General Estória de Alfonso El Sábio.* Madison, Hispanic Seminar of Medieval Studies.

CRONICA TROIANA

- [1985] Edição de Ramón Lorenzo. Coruña, Fundación Pedro Barrié.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Iñez,

- 1992 *Las Estórias de Alfonso el Sábio*. Madrid, Istmo.
- 2003 *Estória de España – cuaderno de trabajo*. Madrid, Fundación Santander Central Hispano, Centro para la Edição de los Clásicos Españoles.

FREIRE, Anselmo Braamcamp

- 1944 *Gil Vicente Trovador Mestre da Balança*. Lisboa, s/n. (2ª ed.)

GIL VICENTE,

- [1513] “Auto de la Sibila Cassandra” in *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*. Edição de Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Imp. 1984

GODOFREDO DE VITERBO,

- [1190] “Pantheon” in *Germanicorum Scriptorum qui rerum a Germanis per multas aetates gestarum historias vel annales posteris reliunquerunt...* Joannis Pistori NIDANI (pref.), Burcardo Gotthelffio STRUVIO (cur.) Ratisbonae, Joannis Conradi Peezii, 1726 (ed. tertia)

HART, Thomas

- 1958 “Gil Vicente’s *Auto de la Sibila Casandra*”. *Hispanic Review*. XXVI. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.
- 1981 *Gil Vicente: Casandra and Don Duardos* Londres, Grant and Cutler.

KING, Georgiana Goddard

- 1921 *The Play of the Sibyl Cassandra*. Pennsylvania, Bryn Mawr College, Logmans, Green.

LIDA DE MALKIEL, María Rosa

- 1959 “Para la génesis del *Auto de la Sibila Cassandra*” *Filología*. V. Buenos Aires, Instituto de Filología y Literaturas Hispánicas de la Facultad de Filosofía y Letras.

MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco

1995 *El concepto cultural Alfonsí*. Madrid, Editorial MAPFRE.

MCGINNISS, Cheryl Folkins

1984 "The Dance, a Metamorphic Symbol in Gil Vicente's «Auto de la sibila Casandra»". *Hispanic Review* Vol. LII, nº 2. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús

1999 *El Scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las "Cantigas de Santa María"*. Madrid, Editorial Complutense.

POTTER, Robert

[2004] "La Sebila Casandra: Gil Vicente's postmodern feminis Christmas Play". XI COLLOQUE INTERNATIONAL de la Société Internationale pour l'étude du Théâtre Médiéval. Elx/ Elche, 9 a 14 de Agosto, 2004.

Texto disponível em:

<http://www.sitm.info/history/Elx/Ponenciaspdf/Potter.pdf>

(29 de Janeiro de 2008)

1992 "A Ceremonial Night in Catalonia." *Early Drama, Art and Music*, nº 15.

REVAH, I. S.

1959 "Auto de la Sibylle Cassandre de Gil Vicente". *Hispanic Review*, Vol. XXVII, No. 2, Joseph E. Gillet Memorial Volume, Part II. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

RICO, Francisco

1984 *Alfonso el Sábio y la "General Estória"*. Barcelona, Ariel.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina

1999 "Deambulações e inquietações em torno do *Auto da Sibila Cassandra*", in *Via Spiritus: revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Nº 6. Porto, Centro Inter-Universitário de História da

Espiritualidade e Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SÁNCHEZ PRIETO-BORJA, PEDRO

1998 *Cómo editar los textos medievales: criterios para su presentación gráfica.* Madrid, Arco Libros.

SPITZER, Leo

1959 “The Artistic Unity of Gil Vicente’s Auto de la Sibila Casandra” in *Hispanic Review*. Vol. XXVII, nº 1. Joseph E. Gillet Memorial Volume, Parte I. Philadelphia, Department of Romance Languages, University of Pennsylvania.

SUÁREZ DE LA TORRE, EMÍLIO (ed.)

2002 “Oráculos Sibilinos” in *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo 3. ed. DíEZ MACHO, Alejandro e PIÑERO SÁENZ, Antonio. Madrid, Ediciones Cristandad.

TEYSSIER, Paul

1982 *Gil Vicente, o Autor e a Obra*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

TREND, J. B.

1929 “The Mystery of the Sibyl Cassandra”. *Music & Letters*, Vol. 10, Nº 2.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis,

1949 *Notas Vicentinas*. Lisboa, Revista Ocidente.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO FÓLIOS 201R/COL. I A 201V/COL. I³³

Delas razõns dela sibilla cassãdra. *Capítulo .xxxviii.*

Cuenta maestre godoffre en la .xvij. parte del pantheon de como las sebillas general mjēt ^[201rll] que todas fuerõ mugieres gentiles *et* todas prophetaron por la uoluntat de dios. Et dixieron todas delas cosas que aujen de uenir, Et esplanavon lo que serie. *Et* disien algunos delos sabios que destas fablaron que fueron diez. *Et* todas prophetaron de *cristo*, mas non fueron todas a vna sazón, Mas en tiempos departidos *et* en logares alongados vnos dotros. Et dellas ay de *quien* fablamos cierta mjente tiempos *et* Reyes en cuyos Regnados fueron. *Et* en este logar *et* en este tiempo de los Reyes de Juda quando ellos andauan en aquellas tormentas *et* en aquellas malas andanças assi como cuentan las ýstorias. Et diste maestre godoffre en la .xvñj. parte del libro pantheon que fueron dichos *et* prophetados³⁴ aquellos viessos que se cantan en la sesta lection dela noche de nabidat *que* se comjençan en latin. Et dise desta guisa: **Judicij signum.**³⁵ Et quiere esto dezir enel castellano como signo de juýzio. Et por que maestre godoffre dize en la q[ua]rta³⁶ parte del pantheon que dixo estos viessos Sebilla erutea fue esto En t[em]po³⁷ de aquel

³³ A transcrição que apresentamos pertence à edição dos folios 197v-201r do manuscrito CXXV 2/3 BPE que constitui uma parte da dissertação de mestrado em desenvolvimento. Sempre que possível, seguiremos os princípios apontados por SÁNCHEZ PRIETO-BORJA (1998) e FERNÁNDEZ-ORDOÑEZ (2003).

³⁴ proph'ados

³⁵ A vermelho no manuscrito

³⁶ Sem abreviatura: qrta

³⁷ tp'o

joachim Rey de juda de quien fabla aqui³⁸ la biblia *et* los otros sacros³⁹ padres, como auemos dicho. Et dize el mismo despues en la .xvj. parte desse libro *queles* dixo sebilla cassandra. *Et* es el mismo contrario assi mismo. Et esto que fue en tiempo del Rey dario de media *et* de perssia⁴⁰ que ouo la contienda con alexandre el grande. Et a este desacuerdo enderesçamos *et* dezimos del desta guisa que sebilla cassandra que fue ante dela batalla de troya, assi como lo mostraremos adelante en las sus profecias⁴¹. Et muchos annos visco sibilla cassandra, Mas sitantos uisquiesse que fastal Rey alixandre llegasse *que* serie mucho ademas. *Et* que nj fue nj *podrie*⁴² seer segūt la vida delos omres⁴³ de aquel tiempo, Ca ouo del destroymjeto de troya fastal grande alixandre bien ochocientos *et* cinquenta annos. Mas dezimos que fue sebilla cassandra enel tiempo de josias, Rey de juda, Et outrossi enel tiempo de joachas *et* de joachim, sus fijos de juda. *Et* del otro joachim fijo deste joachim *et* njeto de josias. *Et* que llego fastal Regnado de sedechias, que fue el postrimero Rey de juda como diremos adelante. Et aun en beuir cassandra fastal tiempo destes tenemos que ademas es, mas non podemos yr *contra*⁴⁴ las estorias delos sabios *quelo* poniẽ assi *et* lo dexaron escrito. Pues agora diremos dela razon de cassandra *et* delas sus profecias.

De como la jnffãte sibilla cassandra fue ante del destruymjeto de troya. *Capítulo* .xxxix.

³⁸ aq'

³⁹ sc'os

⁴⁰ p,ssia

⁴¹ p,phecias

⁴² pod'e

⁴³ om's

⁴⁴ gtra

Aquella sibilla cassandra [era] fija del Rey priamo⁴⁵ de throya, *Et* dela Reýna eucubria su muger⁴⁶, *Et* hermana⁴⁷ euctor, *Et* de paris, el que robo la Reýna helena, muger que fue de menelao, Rey de grecia. *Et* que sea uerdat que fue ella al destruýmjeto de throya. Et aun dantes prueuasse desta guisa⁴⁸, Paris auia vna amiga ante que ala Reyna helena Robasse. Et *quando* andaua paris [201v] para guisarsse para yr robar la Reýna, entendio lo oenoue, cala ýua ýa el trasponjendo et non tornaua ýa tanto cabesça por ella. Ella *quando* aquello ujo fue ala jnffante cassandra su cunnada a auer sus fablas con ella *et* dezirle aquella razon *et* demandarle si serie alguna cosa aquello⁴⁹ en que paris andaua o aqese podrie dar. Et des que souieron en vno, *et* fablando de vnas razones et dotras, vinieron al fecho de Paris. Et departio cassandra a oenoue como auje throya *et* su gente a seer destroyda por fecho de paris *et* dela Reýna helena, assi como lo auemos cõtado en la ýstoria de throya, en la epistola quel⁵⁰ embio oenoue a paris.

De como asmo sibilla cassandra que uernie el fijo de dios en ella. C[apítulo]⁵¹ .xl.

Esta sibilla cassandra fallamos que cuentan las ýstorias que propheto como ihesu *cristo* auie de nascer de muger *virgẽ*. Et pues que ella esto entendio por el *sancto*⁵² de *nostro*⁵³ senyor dios, Dixo sobrello entressi: "Si dios carne

⁴⁵ p'amo

⁴⁶ mug'r

⁴⁷ h'mana

⁴⁸ g'sa

⁴⁹ aq'llo

⁵⁰ q·l

⁵¹ C

⁵² sc'o. Colocamos reservas quanto a esta abreviatura: sancto ou spiritu?

⁵³ n'ro

humana ha de tomar en mugier de linage de Reýes *et* uirgen *et* fermosa *et* de buenas costumbres, fija so yo de Reý *et* de Reyna *et* linda. Ca el Reý priamo de throýa, *que* viene de Reýes *et* de Reýnas, Et el Reý *et* la Reýna euchuba su muger, otrossi de Reýes *et* de Reýnas, son mjo padre *et* mj madre. pues uirgẽ so *et* donzella *et* grande *et* fermosa *et* Rica, Ende pues que el fijo de dios carne humana ha de tomar *et* seer omre⁵⁴, cuedaría ýa que en mj deuerie uenir *et* nascer de mj.” Et ella cuedando en esto *et* biujendo en esta esperança nunca *qu*iso casar, njn consintio nunca que uaron aella llegasse por tal parte. Et sobresto fue siempre delas meiores costumbres que duenna del mũdo lo podria seer. Et desto pesaua mucho al Reý priamo su padre, *et* ala Reýna euchuba su madre por que ella nõ *querie* casar, cala demãdauã reyes *pera*⁵⁵ casamiento. Et ujo ella estõces por *spiritu*⁵⁶ de dios como auje throýa a seer destruýda *et* su padre *et* toda su casa. Et andaua por las calles por toda la villa dando uozes como loca. ýua al puero *et* lloraua *et* messanasse *et* echaua *sus*⁵⁷ cabellos en tierra por los ualles. Et llannie *et* fazie grant duelo, Diziendo toda via *aquel* mal que sobre throýa de uenir. Et tan bien su padre *et* su madre *et* sus hermanos⁵⁸ como la otra gente la tenjẽ por loca en ello. Et assi como ella ueýe todas las otras cosas que dizie por *spiritu* de dios, assi vio que jhesu auje de nascer de muger uirgen *et* que aurie nombre maria, Et serie del linage delos judios. Et aun que auie a seer desposada con judio *et* que aurie mombre joseph. Et sobresto fazie ella siempre muy aspera vida *et* muy sancta, Veýendo los bienes de *cristo*⁵⁹ que aujen de uenir. Et predigo ella alli de la fin del mundo *et* dela uenjda

⁵⁴ om'e

⁵⁵ p,a

⁵⁶ sp'u

⁵⁷ s9

⁵⁸ h'manos

⁵⁹ xp'o

de jhesu *cristo* como ha de uenir ajudgar los viuos *et* los muertos. Agora torna la ýstoria a fablar en su logar del Rey joachim. *Estoria*.⁶⁰

⁶⁰ A vermelho no manuscrito.
